



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17549 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 06 - Educação Popular

EDUCAÇÃO POPULAR E GÊNERO NA ESCOLA: ALGUMAS REFLEXÕES

Vanessa Lemos de Toledo - UFSCar - Universidade Federal de São Carlos
 Valeria Oliveira de Vasconcelos - UNIPLAC - Universidade do Planalto Catarinense
 Osmar Moreira de Souza Junior - UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

EDUCAÇÃO POPULAR E GÊNERO NA ESCOLA: ALGUMAS REFLEXÕES

As hierarquias de poder impostas pela colonização se mantêm através do capitalismo, racismo e patriarcado. Esses sistemas de dominação e opressão se revigoram pela presente colonialidade que atravessa instituições e também as consciências dos sujeitos, afetando consequentemente suas relações intersubjetivas.

A colonialidade se manifesta nas universidades e escolas reproduzindo diversas opressões e exclusões de diferentes formas de ser, estar, conhecer e explicar o mundo que não correspondam aos modelos hegemônicos de poder, ser e saber.

A educação bancária reforça a cultura do silêncio e classifica quem pode falar e sobre o que falar. Nesse contexto, os/as estudantes não são considerados/as sujeitos de conhecimento, logo são silenciados/as. Já o currículo reproduz a lógica moderno/colonial que legitima como verdadeira a matriz epistêmica eurocêntrica. Assim, temas tidos como não acadêmicos são invalidados, mesmo que façam parte da vivência dos/as alunos e alunas. Para Louro (2014, p. 85), a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se "despir".

Dessa forma, se a lógica colonial se instalou e permanece entre nós como um modo de escolarização, ao mesmo tempo acontecem outros processos educativos que contrariam o modelo que quer ser único/universal. Esses processos devem ser lidos como repertórios poéticos/políticos/éticos/estéticos que confluem na tessitura de pedagogias decoloniais

(Rufino, 2023, p.7).

Pesquisar os processos educativos que emergem das práticas sociais das relações de gênero na escola é uma possibilidade de desenvolver a Educação Popular e criar espaços de questionamento sobre as formas de opressão rumo à libertação das consciências. É o que se propõe a pesquisa de Doutorado em Educação (em andamento) da qual emerge o presente texto.

A Metodologia tomou a Pesquisa-ação como percurso. A Pesquisa-ação parte de uma situação social definida em um contexto de espaço-tempo e dos problemas derivados dela em diversas naturezas. Fals Borda (2014) define que a Investigação-Ação-Participante (IAP) requer compromisso, postura ética e persistência, visando à transformação estrutural e cultural da sociedade em favor dos/das excluídos/as e oprimidos/as. Dessa forma, sinalizamos que a IAP apresenta muitas convergências à perspectiva da Educação Popular. Frisamos também que ambas combatem a colonialidade intelectual e universalização da racionalidade científica eurocêntrica, articulando saberes científicos e populares e vislumbrando a produção de conhecimentos de forma dialógica.

Metodologicamente a presente pesquisa está sendo desenvolvida nas seguintes etapas propostas por Thiollent (1986), tendo a dialogicidade como condição fundamental: 1) fase exploratória; 2) fase da pesquisa aprofundada; 3) fase da ação; e 4) fase de avaliação

Por meio das rodas de conversa, estamos levantando temas geradores que permitam analisar os processos educativos emergentes da prática social relacionada à participação das/os estudantes durante o desenvolvimento de ações na escola, que problematizem padrões de sexualidade e relações de gênero desiguais. Para Freire (2017, p.122), o tema gerador “é algo a que chegamos através, não só da própria experiência existencial, mas também de uma reflexão crítica sobre as relações pessoas-mundo e pessoas-pessoas, implícitas nas primeiras”.

Aprendendo-e-ensinando com as/os jovens

A pesquisa é uma escolha política e desenvolvê-la junto aos sujeitos é um compromisso ético. Investigar quais processos educativos emergem da prática social das relações de gênero na escola é uma oportunidade de agir e refletir coletivamente sobre as opressões empreendidas pelo entrelaçamento de capitalismo, racismo e patriarcado. Reconhecer e problematizar a colonialidade que permeia os currículos e práticas sociais dentro da instituição escolar permite que processos educativos libertadores sejam vislumbrados.

Através do diálogo é possível que alunas/os compartilhem experiências e reflitam sobre sua condição de existência no mundo rumo à conscientização, o que possibilita a visualização de formas de existência plurais, incluindo diferentes corpos e sexualidades, ao mesmo tempo que questiona hierarquias entre gêneros, para além do patriarcado.

A denúncia de desigualdades gestadas pelo patriarcado e o aprisionamento ao qual homens e mulheres são submetidos pelos padrões da masculinidade e feminilidade podem se configurar como “situações-limite” a serem superadas. Nesse processo, tomando a palavra, jovens discutirão temas considerados tabu e terão espaços para dialogar e assumir sua posição como sujeitos históricos.

Considerações parciais

A proposição, implementação e avaliação de ações que problematizam os padrões de sexualidade e desigualdade gera possibilidades para a ampliação de espaços de diálogo na escola. O desvelamento e a discussão sobre a colonialidade, pautados nos princípios da Educação Popular, podem trilhar caminhos para a construção relações de gênero mais equitativas e plurais.

Palavras-chave: Práticas sociais; Educação; processos educativos; desigualdade de gênero; Sexualidade

REFERÊNCIAS

FALS BORDA, Orlando. ¿Es posible una sociología de la liberación? In: FARFÁN, Nicolás A. H. & GUZMÁN, Lorena L. (ed.). *Ciencia, compromiso y cambio social*. Textos de Orlando Fals Borda. Montevideo: El Colectivo/Lanzas y Letras/Extensión Libros, 2014, p. 149-154.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 64^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

LOURO, Guacira. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2014.

RUFINO, Luiz. *Ponta-cabeça: educação, jogo de corpo e outras mandingas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, Ed. Associados, 1986.